

## ORIENTE MÉDIO



Palestina ferida, coberta por sangue e poeira, abraça a filha, em Khan Yunis, no sul de Gaza



Na mesma cidade, mulher chora sobre o corpo de familiar, em emergência do Hospital Nasser



Palestino beija o pé de criança morta em bombardeio israelense, também no sul do enclave



Criança observa mulher chorando sobre os cadáveres de membros da família Nofal, em Rafah

# África do Sul acusa Israel de genocídio

Governo de Pretória apresenta queixa contra o Estado judeu ante a Corte Internacional de Justiça, em Haia, na Holanda, pelos ataques à população civil na Faixa de Gaza. Premiê Benjamin Netanyahu denuncia "hipocrisia"

» RODRIGO CRAVEIRO

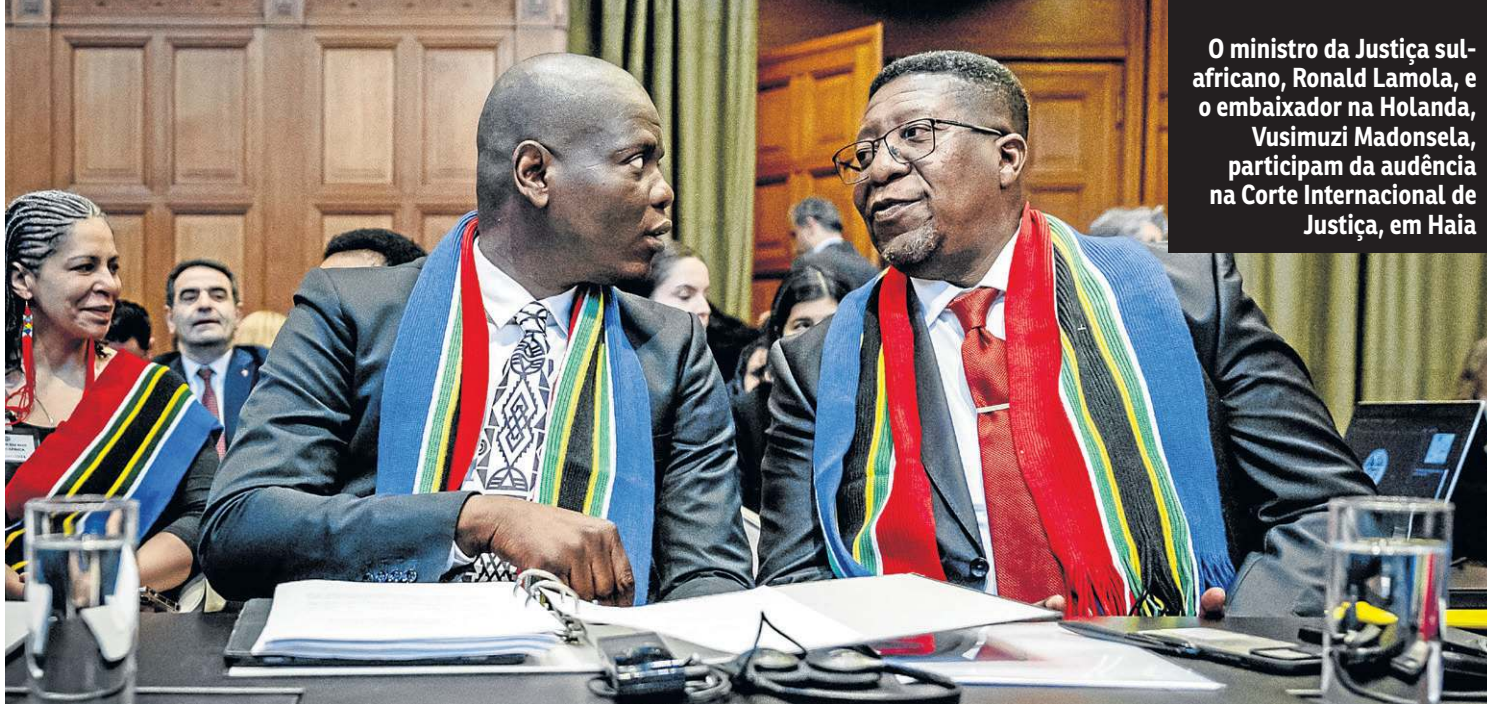
Sob o respaldo dos governos de Brasil e Colômbia, a África do Sul apresentou, ante a Corte Internacional de Justiça (CIJ), em Haia (Holanda), uma acusação formal contra Israel pela "intenção arrepiante e incontestável" de destruir e cometer genocídio na Faixa de Gaza. "Os atos e as omissões de Israel reclamados pela África do Sul têm caráter genocida, pois se destinam a provocar a destruição de uma parte substancial do grupo nacional, racial e étnico palestino", afirma o documento assinado pelo embaixador sul-africano em Haia, Vusimuzi Madonsela.

Adila Hassim, advogada representando a África do Sul, frisou que a CIJ tem o "benefício" das últimas 13 semanas de evidências. "Elas mostram, incontestavelmente, um padrão de conduta e uma intenção relacionada que justificam uma alegação plausível de atos genocidas", declarou, ao apresentar o caso ante os 17 juízes.

O ministro da Justiça da África do Sul, Roland Lamola, sublinhou que "nenhum ataque armado ao território de um Estado, por mais grave que seja (...), justifica a violação da Convenção (sobre a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio)". "A resposta de Israel ao ataque de 7 de outubro ultrapassou essa linha." Lior Haiat, porta-voz da chancelaria israelense, classificou a África do Sul como um "braço legal" do grupo extremista Hamas.

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, disse que seu país combate terroristas e mentiras. "Mais uma vez, assistimos a um mundo invertido, em que o Estado de Israel é acusado de genocídio, no momento em que luta contra o genocídio. (...)

Ramko de Waal/ANP/AFP



O ministro da Justiça sul-africano, Ronald Lamola, e o embaixador na Holanda, Vusimuzi Madonsela, participam da audiência na Corte Internacional de Justiça, em Haia

### Pontos de vista

Por Daniel Zohar Zonshine

#### "O direito internacional trabalha contra nós"

"Nós cumprimos com o direito internacional, embora trabalhe contra nós, o que torna a guerra mais difícil. É a nossa obrigação, enquanto nação democrática. O Hamas comete crimes de guerra que não estão nos livros, como vimos em 7



de outubro. Está bem claro, do ponto de vista legal e moral, que o que Israel faz não é pelo o que somos acusados. Esperamos que a guerra acabe, e o Hamas não mais governe Gaza."

Embaixador de Israel no Brasil

Por Ibrahim Alzeben

#### "É uma conquista para a humanidade"

"A apresentação das acusações contra Israel em Haia é uma conquista para a humanidade em geral. Israel deve pagar o preço pela ocupação; pelo assassinato de crianças, mulheres e idosos; pelo deslocamento de moradores; pela destruição



de cidades e de aldeias; pela imposição da fome à população palestina; pelo assassinato de jornalistas. A lista é longa e todos os crimes se enquadram na descrição de genocídio."

Embaixador palestino no Brasil

A hipocrisia da África do Sul grita aos céus. Onde estava a África do Sul quando milhões de pessoas foram assassinadas e deslocadas das suas casas na Síria e no Iêmen? Por quem? Pelos parceiros do Hamas", declarou o chefe de governo. Hoje, Israel apresentará seus argumentos ante a CIJ. Morador de Deir Al-Balah,

no centro-sul da Faixa de Gaza, o engenheiro civil Mohammed Al Assar desabafou à reportagem: "Genocídio é elogio para o que ocorre aqui". Nos últimos 97 dias, ele viu "muitos" familiares morrerem nos bombardeios. "Perdi vários primos. É massacre, destruição e fome. Um inferno", lamentou. Ontem, a luta de

Mohammed era para encontrar água potável e comida. "Precisamos de dinheiro para comprarmos uma tenda, morarmos nela e tentarmos permanecer vivos", relatou Mohammed, que perdeu a casa em um ataque aéreo. O Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, controlado pelo Hamas, afirma que

23.469 palestinos morreram durante a guerra.

Embaixador de Israel no Brasil, Daniel Zohar Zonshine explicou ao **Correio** que, de acordo com a definição da ONU, "genocídio é um crime cometido com a intenção de destruir um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, por inteiro ou em parte".

"Isso foi o que o Hamas tentou fazer em 7 de outubro, ao assassinar israelenses apenas por serem israelenses, não por algo que fizeram ou não fizeram. Pelo contrário, o que Israel está tentando fazer é alvejar integrantes do Hamas, não o povo de Gaza."

De acordo com o embaixador, a África do Sul adotou uma abordagem favorável ao Hamas desde o primeiro dia, depois de 7 de outubro. "Não há base para as acusações contra Israel. Israel não tem civis como alvos. Tentamos evitar pessoas não envolvidas (com o Hamas). O fato de o Hamas usá-las como escudos humanos é a razão pela qual muitas são vítimas de violência em Gaza", disse. "Entre as pessoas mortas em Gaza, 8 mil ou 9 mil eram integrantes do Hamas, eliminados durante combates."

Ibrahim Alzeben, embaixador palestino em Brasília, considerou a sessão em Haia histórica. "O processo de responsabilização do colonialismo recomeçou. O mais importante está em sua dimensão humana. É urgente parar o genocídio em Gaza", comentou ao **Correio**. Ele destacou que, pela primeira vez, Israel se encontra perante um tribunal internacional, "forçado a pagar o preço pelos seus repetidos crimes de agressão, ocupação e deslocamento da população, e pelas declarações irresponsáveis de líderes, ministros e clérigos que apelaram ao extermínio dos palestinos". "Ninguém está imune à justiça", advertiu Alzeben.

Alanna O'Malley, professora de história internacional e da ONU na Universidade de Leiden (Holanda), avaliou que a África do Sul apresentou a acusação de forma convincente. "Os sul-africanos argumentaram que têm a obrigação de prevenir o genocídio, mesmo que não estejam diretamente afetados por ele."

## EQUADOR

# Violência mata 16 e faz 178 reféns em prisões

O narcotráfico semeia o terror no Equador e impõe seu poder violento de dentro dos presídios. Em quatro dias de desafio ao Estado, 178 agentes carcerários foram feitos reféns dentro das prisões e foi lançada uma ofensiva com tiros e explosivos que deixou 16 mortos. O governo explica os ataques recentes como uma represália das organizações criminosas, com uma emissora de TV registrada ao vivo, que deu a volta ao mundo. Homens encapuzados e armados com fuzis e granadas ocuparam o canal público TC Televisión durante o telejornal do meio-dia, renderam jornalistas e

homicídios por 100 mil habitantes passou de 6 para 46 em 2023.

Mas o presidente Daniel Noboa, de 36 anos, empossado em novembro, alertou que não vai dar o braço a torcer: "Ceder diante do mal, jamais! Lutar incansavelmente, sempre!", disse em um discurso. Na terça-feira, a ofensiva do narcotráfico mostrou sua pior face, com um ataque a uma emissora de TV registrada ao vivo, que deu a volta ao mundo. Homens encapuzados e armados com fuzis e granadas ocuparam o canal público TC Televisión durante o telejornal do meio-dia, renderam jornalistas e



Soldados revistam suspeitos durante operação em Quito: licença para matar "terroristas"

feriram dois funcionários. Ontem, a emissora retomou a transmissão de seu noticiário principal, expressando gratidão às forças de segurança que libertaram os jornalistas e os demais trabalhadores.

"Quiseram provocar temor, mas despertaram nossa ira. Acreditaram que submeteriam todo um país e esqueceram que as Forças Armadas são treinadas para a guerra", declarou o ministro da Defesa, Gian Carlo Loffredo, em mensagem publicada nas redes sociais. Mais de 22.400 militares foram mobilizados; há patrulhas por terra, ar e mar, batidas

nas ruas, operações nas prisões e toques de recolher.

A crise atual começou no domingo, quando um dos chefes do crime organizado mais temidos do país desapareceu da prisão onde cumpria pena em Guayaquil. A fuga de Adolfo Macías, o "Fito", líder da principal quadrilha do Equador, conhecida como Los Choneros, seguiu-se uma investida violenta: motins nos presídios, 178 agentes carcerários feitos reféns pelos detentos, sete policiais sequestrados (seis dos quais foram liberados), ataques com explosivos e veículos incendiados.